



## **Rádio Educação: uma proposta diferenciada de suporte de texto para a educação de alunos com necessidades educativas especiais<sup>1</sup>**

**Roberta Roos<sup>2</sup> - Universidade de Passo Fundo**

**Resumo:** A maioria das escolas ignora a inserção de novas tecnologias na educação. Os motivos desse distanciamento são, entre outros, a falta de ferramentas pedagógicas devido às baixas condições econômicas da maioria das escolas públicas e a falta de habilidades de grande parte dos docentes para identificar as diferenças entre os alunos e as formas em que são mais influenciáveis no aprendizado. Formas diferentes de ensinar existem porque há, também, sujeitos com capacidades diferentes e com o mesmo direito de aprender. Sob essa realidade, alternativas pedagógicas estão sendo ignoradas, prejudicando o desempenho de alunos com dificuldades de aprender. Nessa perspectiva, a pesquisa apresenta o rádio como uma alternativa simples e barata para a introdução de novas tecnologias no espaço escolar, possibilitando o aprendizado de alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizado.

**Palavras-chave:** Rádio; educação; ensino-aprendizagem; necessidades especiais.

### **1. Comunicando Educação**

Um fator essencial para o progresso do ser humano é a cidadania. Ou seja, fazer-se sujeito da própria e da coletiva história. Mas esta condição depende de fatores educacionais, organizacionais, informativos e comunicativos.

Tais fatores são partes integrantes de todo processo de aprendizagem do cidadão. Sendo assim, no que se refere à aprendizagem escolar, para ser efetivada, necessita relacionar-se aos conhecimentos do educando e ao seu futuro cotidiano profissional. Nessa perspectiva, ele poderá ser levado a participar do processo de aprendizagem, ampliando suas reflexões e alterando, assim, o papel do professor. Neste contexto, há a substituição do detentor para o construtor do saber através de um ambiente desafiador, para que os alunos sejam sujeitos na busca do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Práticas Sociais de Comunicação, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Formada em Comunicação Social: Radialismo e Televisão pela UPF. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF. E-mail: [betaroos@upf.br](mailto:betaroos@upf.br). Orientação: Tatiana Lebedeff: Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação da UPF. E-mail: [lebedeff@upf.br](mailto:lebedeff@upf.br).



Em torno da evolução desse educador, surgem novas perspectivas sobre o fazer pedagógico: discute-se a necessidade de respeito ao contexto social do aluno e a preocupação em desenvolver suas capacidades, respeitando as diferentes inteligências que orientam as ações do indivíduo, através de estratégias diferenciadas de ensino-aprendizagem.

Em consonância com essas concepções pedagógicas, optou-se por desenvolver a pesquisa Rádio Educação: uma proposta diferenciada de suporte de texto para a educação de alunos com necessidades educativas especiais, a qual se apóia na idéia da importância de se investigar novos procedimentos metodológicos educacionais a partir de um meio de comunicação e discutir o papel do mesmo como recurso didático no aprendizado de estudantes com dificuldades de aprendizagem e deficiência mental.

O rádio propicia experiências diferenciadas na educação, relevantes para transformar o tradicional ambiente escolar. À formação de cidadãos mais autônomos e participativos, pode ser atribuída a diversa possibilidade que o rádio oferece ao trabalho pedagógico. Apenas as características que estruturam este meio comunicacional barato e de fácil deslocamento, possível à compreensão de todos, gerar informação e entretenimento, não são suficientes para quebrar a barreira escola x tecnologia. A falta de ferramentas pedagógicas como também a falta de habilidades e sensibilidade de alguns professores para identificar diferentes formas de acesso ao conhecimento são elementos chaves contra a união da educação e da tecnologia. Questões como estas fazem acreditar cada vez mais que os meios de comunicação poderiam usar a sua influência de transmissores de informação e cultura também na escola, para explorar conteúdos de forma criativa e interessante.

Recebemos os meios de comunicação passivamente em nossas vidas, acomodando posições e opiniões, deixando que as indignações sejam manipuladas por programas apelativos. Não foi esse o destino previsto para esses meios, que podem servir de “educadores eletrônicos” e ser usada sua influência de transmissores de informação e cultura para educar. A importância de se relacionar escola e tecnologia, conforme já comentado, remete à construção de uma sociedade em que todos tenham



os meios de produção de discurso, estabelecendo em igualdade de condições e capacidade para tomar decisões que levem a mudanças futuras na sociedade.

Há uma necessidade explícita de acompanhar os meios de comunicação e filtrar informações de forma educativa. Essa é a complexa função de pais, educadores e profissionais da mídia. Sendo assim, destaca-se que não basta a introdução de novos elementos, ditos mais modernos, em velhas práticas educativas, como tem ocorrido, pois sua simples incorporação não é garantia de uma nova educação, uma nova escola, para o futuro.

Enquanto as ferramentas pedagógicas não estiverem unidas às habilidades dos educadores, estaremos impossibilitados de tentar abrir brechas para que a tecnologia entre na escola e faça parte do aprendizado e da inserção desses indivíduos no mundo atual. No livro *Uma escola sem/com futuro*, Nelson de Luca Pretto (1996) considera necessária uma integração efetiva entre educação e comunicação, de forma que esses novos meios estejam presentes também como fundamento da nova educação. Aí sim, os novos valores desta sociedade, ainda em construção, poderão estar presentes nesta nova escola, com futuro.

## **2. O desenvolvimento através do aprendizado**

Pesquisas que permitiram a construção de conhecimentos relativos às formas pelas quais as crianças aprendem foram desenvolvidas por Lev Vygotsky. Um dos conceitos centrais desse estudioso é o de mediação. Em termos gerais, mediação é o processo de interposição de um elemento numa relação de aprendizagem. Assim, a relação não é direta, e sim, mediada. Nesse sentido, a relação do homem com o mundo é uma relação mediada por ferramentas auxiliares da atividade humana. Essa mediação, na classificação de Vygotsky, é feita por instrumentos e signos.

No livro *VYGOTSKY: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*, a autora Marta Kohl de Oliveira faz uma síntese da teoria do autor, situando o processo de aprendizagem através de instrumentos e signos. Os instrumentos são classificados como elementos externos ao indivíduo, com a função de promover mudanças nos objetos. Já os signos, são orientados para o próprio indivíduo ao controle de ações psicológicas.



Vygotsky trabalha com a função mediadora dos instrumentos e dos signos na atividade humana, fazendo uma analogia entre o papel dos instrumentos de trabalho na transformação e no controle da natureza, e o papel dos signos enquanto instrumentos psicológicos, ferramentas auxiliares no controle da atividade psicológica (OLIVEIRA,1997, p. 34).

As pessoas constroem um sistema de signos, a partir da sua relação com o meio e do contato com a cultura que organiza o real, para decifrar o mundo. Nesse contexto, é a linguagem que produz as formas de organização da realidade, pelas quais, se constitui a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Vygotsky relaciona o aprendizado ao desenvolvimento, considerando-o “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (1984, p. 101).

A partir de seus estudos, Vygotsky (1984) afirma que o aprendizado das crianças passa por três fases, que são, o momento em que a criança não é capaz de realizar as tarefas, chamada de zona de desenvolvimento potencial, a fase onde a criança é capaz de realizar tudo sozinha, a zona de desenvolvimento real, e por fim a zona de desenvolvimento proximal, que é tudo que a criança somente realiza com o apoio de outras pessoas. Na zona de desenvolvimento proximal, a influência de outros indivíduos gera transformação. Isso porque os conhecimentos já adquiridos pela criança não necessitam de interferência externa.

Diante disso, Oliveira (1997, p.62) ressalta que, “a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como etapas posteriores, ainda não alcançadas”. É através deste processo que os professores devem provocar avanços nos conhecimentos que não aconteceram, ou seja, estimular a zona de desenvolvimento proximal.

A construção de uma educação diferenciada deve levar em conta as competências e a realidade sócio-cultural de cada aluno. Somente com a identificação das dificuldades do aprendizado, pode-se desenvolver um modelo mais eficiente de ensino. De acordo com essas informações está Perrenoud (2000), ao salientar que o currículo deve permitir uma relação entre a construção de novos conhecimentos e uma postura reflexiva diante da realidade. Para tanto, cabe à escola repensar suas formas de conduzir a educação, buscando meios alternativos para trabalhar com as competências.



Sendo assim, a responsabilidade da escola e dos professores está em compreender todo o processo de desenvolvimento do aluno. A partir da compreensão do grau de conhecimentos adquiridos e das capacidades desse sujeito da educação, é que vai se fazer valer a aprendizagem e construir uma consciência crítica sobre o contexto em que o educando atua.

### **3. Tentativas de inclusão tecnológica na educação: problemas ou soluções?**

A humanidade está vivendo um momento histórico: a introdução das tecnologias de comunicação em velhas práticas educativas. A simples incorporação desses novos elementos não traz a garantia de uma nova educação. Há uma necessidade de integração entre educação e comunicação, de forma que esses meios estejam presentes também como fundamento da nova proposta educativa. Com isso, são constituídos outros valores para a sociedade integrantes de uma nova escola.

O sistema educativo não poderia trabalhar apenas pelo treinamento de um ser humano, mas precisa formar pessoas capacitadas por uma produção responsável. É assim, que os jovens expostos a uma grande quantidade de sons e imagens, podem evitar a superficialidade sobre os assuntos e garantir a capacidade de raciocinar e de ter espírito crítico. A condução de professores e alunos, considerados sujeitos de um mesmo processo, o de ensinar e aprender necessita da formação de uma consciência crítica em torno das mensagens desses meios.

Os novos recursos serviram apenas para animar uma educação cansada. Hoje as mudanças que estão ocorrendo exigem uma nova postura da escola, preocupada em formar um profissional, capaz de viver plenamente essa civilização da imagem e da informação (PRETTO, 1996, p.103).

A educação se constrói como um centro irradiador de conhecimentos, onde os professores, como afirma Pretto (1996), adquirem novas funções. Função de comunicador, articulador de diversas histórias e fontes de informação.

A educação passa a ter um novo papel diante da sociedade da informação, precisa contribuir para a inclusão tecnológica, formando pessoas autônomas, que se constituam sujeitos ante a tecnologia e suas possibilidades, interferindo na tomada de



decisões. Esta é uma forma de promover a democratização ao acesso às novas tecnologias. Para Silva

Embora o Brasil caminhe para um processo de desenvolvimento e autonomia tecnológica, na educação a realidade mostra que o índice de escolas que utilizam, sistematicamente, as novas tecnologias ainda é muito baixo, e a discussão nos currículos escolares e universitários sobre aspectos relacionados à sociedade da informação também não ocorre de forma sistemática, embora seja fundamental para a inserção de professores e alunos nessa realidade. ( 2003, p.23)

A autora salienta que os educadores não podem ser obstáculos ao acesso dos alunos. Para isso, esses profissionais da educação devem passar por um processo de capacitação para a utilização adequada de novos conhecimentos tecnológicos.

Tecnologias, como o rádio, a televisão e o computador, que não foram desenvolvidas com finalidades educacionais, demonstram, hoje, dentro da escola, uma racionalidade instrumental e técnica, que só vem a melhorar o ensino. Sendo assim, “a escola deve incluir como conteúdo da educação obrigatória alguns aspectos que se refiram ao conhecimento e ao uso das novas tecnologias da informação”, bem como “a capacitação de toda equipe docente, inclusive os gestores de escola” (LITWIN, 1997, p. 84).

Antes de qualquer investimento de tecnologias na educação, deve-se ter a preocupação com a formação do professor diante dessa nova forma de ensino. Essa formação precisa interferir na resistência dos professores em utilizar tecnologia.

A relação professor-aluno, inserida nesta realidade tecnológica, pode estimular as reflexões críticas, contribuindo para uma educação mais consciente. Quanto mais próximo o aluno ficar da realidade, mais forte e viável será o fazer pedagógico.

A alfabetização tecnológica insere o professor numa nova dimensão da educação, que o afasta das aulas tradicionais, de transmissão dos conhecimentos, para uma perspectiva crítico-reflexiva e problematizadora quanto ao uso de novas tecnologias em educação. (SILVA, 2003, p. 34)

#### **4. Procedimentos metodológicos no processo ensino-aprendizagem**

**As ações educativas desenvolvidas pelas escolas trazem consigo teorias e didáticas diversas, gestadas em diferentes realidades, muitas das quais resistem ao tempo e às mudanças sociais, gerando práticas pedagógicas descontextualizadas.**



**Entende-se que a escola necessita rever seus conceitos e metodologias, a fim de acompanhar os avanços da sociedade em que está inserida.**

Nesse sentido, as estratégias de ensino que resultam em aprendizagem real começam pelo perfil do professor. Dependem dele as formas educacionais adequadas destinadas para os alunos. Sua ação pedagógica reflete seu lugar teórico, que, em geral, compreende duas possibilidades: tradicional ou inovador. Sobre isso, assim pensam Bordenave e Pereira:

O professor tradicional é um homem feliz: não tem o problema de escolher entre as várias atividades possíveis para ensinar um assunto. Como para ele a única atividade válida é a exposição oral ou preleção, não perde tempo procurando alternativas. Para o professor moderno, entretanto, a escolha adequada das atividades de ensino é uma etapa importante de sua profissão (1997, p. 121).

Nesse contexto, os educadores que reconhecem a necessidade de inovações e modificam os métodos de ensinar se deparam, muitas vezes, com a resistência de colegas de profissão, que insistem em carregar consigo os velhos métodos de ensino. Estes não sentem a necessidade de mudar o que vem sendo ensinado da mesma forma, por muitos anos. No entanto, a resistência dos professores não é o único empecilho para a instalação de novas tecnologias educativas no meio escolar, como sustentam Bordenave e Pereira:

O professor que deseja adotar uma inovação didática importante freqüentemente é impedido ou pelo menos dificultado pela falta geral de condições em sua própria instituição. Ou o professor é mal pago; ou tem um número excessivo de alunos; ou os horários de aula são rígidos; ou não há equipamentos nem materiais adequados, ou os procedimentos burocráticos para obtê-los são lentos e complicados (1997, p. 304).

*Diante dessas informações, fica clara a importância do papel consciente do professor ao dirigir-se para um aluno inserido socialmente nas novas tecnologias. Um educando poderá não se sentir atraído por uma metodologia escolar fora do seu contexto real.*

**5. Ensino-Aprendizagem: um direito de todos**

As escolas convivem com uma realidade avaliadora e excludente que é a de alunos que não atingem o desempenho escolar ideal comparados a outros que atingem as



médias. As dificuldades de aprendizado estão presentes por diversos motivos. O desafio da educação, escolas e professores é o de se adaptar às diferentes capacidades. O rádio, meio de comunicação simples e de fácil acesso usado como instrumento pedagógico propõe uma alternativa de ensino-aprendizagem para crianças que necessitam de um olhar diferenciado no aprendizado, propiciando experiências estimulantes na educação, relevantes para transformar o tradicional ambiente escolar.

A educação tem o desafio de garantir o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos, inclusive alunos com necessidades educacionais especiais.

O projeto pedagógico das escolas é viabilizado por meio de uma prática pedagógica que tenha como princípio o desenvolvimento da aprendizagem de todos os educandos, inclusive daqueles que apresentem necessidades educacionais especiais. Portanto, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” É isso que o Artigo 2º. da LDBEN garante ao tratar dos princípios e fins da educação brasileira.

Hoje, o conceito de necessidades educacionais especiais afirma-se com uma nova abordagem, que tem como horizonte a inclusão. Dentro dessa visão, a ação da educação especial é ampliada, passando a abranger não apenas as dificuldades de aprendizagem relacionadas a condições, limitações e deficiências, mas também aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica, considerando que, por dificuldades cognitivas, psicomotoras e de comportamento, alunos são frequentemente excluídos dos apoios escolares.

As dificuldades de aprendizagem absorvem uma diversidade de necessidades educacionais. Assim, entende-se que qualquer aluno pode apresentar, ao longo de sua aprendizagem, alguma necessidade educacional especial, temporária ou permanente.

## **6. Alfabetização: o aprendizado ao alcance de todos**

A tarefa de alfabetizar está aos poucos sendo vista pela escola brasileira como uma necessidade que precisa ser aprimorada em todos os níveis e modalidades da educação, o que neste caso inclui as classes especiais. A preocupação das redes





escolares na capacitação dos professores, cada vez é maior, aumentando assim, o tempo para os alunos aprenderem a ler e escrever. Neste sentido, vale destacar as mudanças no Ensino Fundamental, que passa a ser de nove anos. De acordo com estas idéias está Cavalcante quando diz que, “o sucesso ocorre nas escolas em que a leitura e a escrita são tratadas como conteúdo central e um meio de inserir o estudante na sociedade.” (2006, p. 25)

Outro fator que determina o sucesso da alfabetização diz respeito à expectativa do professor de que o aluno tem condições de aprender, independente de qualquer situação, inclusive condições sociais. Essa crença do professor impulsiona o desenvolvimento da escrita, principalmente para alunos que têm pouco contato com materiais escritos.

A narração, a escolha dos textos que são levados para crianças na fase da alfabetização, deve ser feita de acordo com as experiências que eles têm com a escrita, e dos gêneros que conhecem, contextualizar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos é uma forma de tornar o aprendizado mais fácil e interessante. “Como na educação não existem fôrmas em que se encaixem as crianças, é papel da escola oferecer condições para que elas se desenvolvam, sempre respeitando o ritmo de cada uma”. (CAVALCANTE, 2006, p. 30)

O distanciamento entre professor e alunos de diferentes idades é resultado do descompasso entre as preferências e desejos dos alunos e o que é ensinado. Os padrões de vida adquiridos pelos estudantes se diferem do tratamento que o saber é transmitido pelos docentes. Rösing (2001) salienta que o ambiente escolar não pode desconsiderar que além das estratégias convencionais usadas para produção de educação e cultura, encontram-se também os recursos multimídiais. A formação do leitor deve ser pensada nessa perspectiva, pois o aprendiz tem curiosidade pelos suportes oferecidos pela mídia, sem deixar de ter interesse pelo livro. O ideal é interligar esses dois suportes de forma natural.

A concepção atual de leitura emerge da utilização dos meios eletrônicos, determinando aos agentes de leitura, além de serem leitores, o conhecimento dos recursos tecnológicos e a complexidade das implicações do uso do hipertexto. Os leitores em formação nesta modalidade precisam ser alfabetizados culturais e tecnológicos. Durante a leitura, abrem-se possibilidades infinitas de estabelecimento de relações através da abertura de janelas do conhecimento, entendido numa perspectiva inter, multi e transdisciplinar, conduzindo o ato de ler a resultados não previsíveis. (RÖSING, 2001, p. 30)



As relações da criança com o ato de ler promovem o desenvolvimento da linguagem, e de conhecimentos úteis que satisfazem sua curiosidade. O ato de aprender se dá a partir da união do desenvolvimento da imaginação e criatividade com as preferências dos alunos.

O descompasso entre educação e cultura contata-se através de um analfabetismo cultural, na medida em que os avanços tecnológicos oferecem com muita velocidade um número cada vez maior de informações. Nesse sentido, Rösing (2001) salienta que um analfabetismo tecnológico contribui para a exclusão de grande parte da população, comprometendo assim, o processo de construção e desenvolvimento do país.

## **7. A “invenção” da deficiência e as classes especiais**

Crianças, principalmente de classes mais baixas, taxadas como incapazes, imaturas, lentas, tem sido evidenciadas como causas do fracasso escolar. Alunos que não se encaixam em critérios preestabelecidos da escola, são transformados em deficientes ou especiais. Sobre isso destaca Padilha:

As características interpretadas como distúrbios, patologias, incapacidades para aprender e se adaptar ao meio escolar são consideradas como problemas unicamente do indivíduo. Os desvios estão neles. Tal concepção está marcada tanto na prática pedagógica de sala de aula (por exemplo, nas classificações de alunos, em “bons”, “médios” e “fracos”) como na legislação que estabelece os subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial, na área da deficiência mental. (1997, p. 9)

Segundo a autora, essa legislação propõe que o deficiente mental educável, aquele que se difere da normalidade, possa encontrar atendimento escolar, na rede pública de ensino, na classe especial. Trata-se, porém de uma classe para esses deficientes que não podem ser atendidos satisfatoriamente pela classe regular.

A deficiência é determinada por documentos oficiais, que mesmo julgando os testes de inteligência e psicológicos como sujeitos a erros, insistem nessa utilização para caracterizar a clientela. Para a autora, a classificação dessa criança, por documentos oficiais que orientam o funcionamento da educação especial, delineiam-se pela aprendizagem e desenvolvimento que estão baseados na concepção de que a impossibilidade de aprender está no indivíduo. Sobre isso, a autora complementa,



Se seu desenvolvimento acontece / está acontecendo de maneira limitada, reduzida, lenta, isto explica sua dificuldade ou seu insucesso para aprender. Desta forma, os testes, aqueles que medem o que cada indivíduo conseguiu desenvolver / aprender, é que falarão mais alto quando da necessidade de se optar ou não pela retirada das crianças de suas classes regulares para que comecem a frequentar as classes especiais. (PADILHA, 1997, p. 11)

A realidade das classes especiais mostra que a ocupação tem sido de crianças pobres, atestando, que o fracasso escolar está ligado a carência cultural, ou seja, alunos pouco estimulados pelos pais têm a inteligência comprometida. Na medida em que a carência cultural determina a luta pela sobrevivência, o emocional é afetado, prejudicando o desenvolvimento do aprendizado.

## **8. Prática pedagógica e classe especial**

Os professores revelam as dificuldades que enfrentam diante de alunos classificados como imaturos, lentos, desestimulados. Dessa forma, a classe especial diante de resultados de testes psicológicos, deixa de trabalhar com conceitos científicos, reduzindo o acesso dos alunos à cultura. A criança deficiente representa a desestabilidade da prática regular e requer que o professor reflita, encarando como um desafio e não recusa. Para isso, a observação dos fatos, das possibilidades e dificuldades são importantes para que o docente estabeleça relações entre os acontecimentos vividos e agir diante das capacidades.

A produção precisa ser proposta para os alunos com clareza, fazendo articulações entre os objetivos, texto trabalhado, interesse e necessidades das crianças. Dessa forma fica mais fácil perceber os problemas e os avanços.

Por parte dos que avaliam, os problemas das crianças são interpretados a partir do “núcleo primário” do defeito – guiando as interpretações pelo o que a criança não é, por suas lacunas – e portanto são desprezadas suas possibilidades, suas habilidades, suas experiências. Como já apontava Vygotsky (1989), quando se aborda só a dimensão do fracasso não há compreensão completa da criança. (PATTO. 1983, p. 87)

Nesse sentido, segundo a autora o que exige pensamento abstrato é excluído do ambiente escolar, mostrando desconhecimento da força que tem a interação, com metas que são atingidas a partir do conhecimento do problema. Mesmo nas condições atuais,



extremamente restritas, é preciso construir novas relações de ensino e a partir delas criar as possibilidades de aprendizagem.

Uma condição essencial para que o aprendizado ocorra é de que a criança aprenda fazendo, considerando o conhecimento que se transforma em experiência.

## **9. A Introdução do Rádio no Espaço Escolar**

O rádio é o meio de comunicação de massa mais popular, muitas vezes, o único a levar a informação e o entretenimento para populações que não têm acesso a outros meios.

Foi através de características, como a sensoriedade, onde as palavras aliadas aos recursos sonoros conseguem despertar nas pessoas a imaginação, algo essencial na vida, principalmente das crianças, que o rádio foi o meio de comunicação motivador desta pesquisa. Não só a imaginação, mas também a concentração desenvolvida para se entender um meio, em que a imagem não está pronta e precisa ser definida na memória de cada um, através da atenção com a mensagem. Foi a partir dessas características que se propôs o desenvolvimento da pesquisa Rádio Educação: uma proposta diferenciada de suporte de texto para a educação de alunos com necessidades educativas especiais. O trabalho está sendo desenvolvido em uma classe especial com alunos de diferentes idades submetidos ao processo de alfabetização. O rádio está sendo utilizado como um recurso alternativo na contação de histórias contextualizadas através da realidade social dos alunos, buscando estimular a atenção e o interesse pela leitura. Para a avaliação da implantação da proposta serão utilizadas categorias de compreensão textual classificadas por Lebedeff (2002) como inferências, proposições originais e reconstruções para análise de conteúdo das falas e/ou outras produções dos alunos coletadas após a utilização do rádio.

Salienta-se que o rádio foi levado para a sala de aula por ser um meio simples de produzir, de inserir as crianças no contexto e concentrar a atenção auditiva. Este meio



dispõe de diversas alternativas sonoras e atuações dos locutores, sem que se exijam muitas habilidades, tempo para edição e finalização. O rádio deve ser proposto, também, a partir dessa pesquisa, na inserção do aluno como produtor, desenvolvendo as diferentes capacidades. Estes são alguns dos pontos motivadores do envolvimento do rádio com a educação especial.

Apesar da política de inclusão questionar a eficácia da classe especial para inclusão da criança na escola, e até desejar o desaparecimento dessas classes, ainda existem algumas remanescentes, segundo Furian (2005) que evidenciam diversos problemas: concentram as crianças rotuladas da escola, com relatos de não aprendizagem e fracasso escolar; as crianças permanecem um longo período de tempo sem perspectiva de promoção; percebe-se a ausência de uma proposta pedagógica que proporcione construção de conhecimento, entre outras tantas características típicas de classe especial.

A união da Comunicação e da Educação, nesta pesquisa, pretende mostrar também que pensar educação não deveria ser apenas a tarefa de educadores. Acreditando na existência de uma ligação direta entre educar e comunicar, a pesquisa envolve e une o aprendiz a um meio de comunicação de massa. Tanto o comunicador quanto o educador tem o poder de manipular a opinião do grupo que o escuta, pois o aluno ou o ouvinte acredita nas palavras de quem é considerado apto para ensinar. Estes profissionais devem discernir o certo do errado e serem conscientes e responsáveis na emissão de mensagens.

Tanto as características individuais desse meio que possui grande penetração nos lares, os cuidados e preocupações dos comunicadores em levar a mensagem aos ouvintes, com muita clareza, para o entendimento completo, quanto a certeza da ligação existente e satisfatória da educação com a comunicação, são suficientes para a fácil aceitação de escolas, professores e alunos, em receber o rádio como um recurso metodológico alternativo e eficiente para auxiliar a aprendizagem de crianças com dificuldades.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica* / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.



CAVALCANTE, MEIRE. Alfabetização: Todos podem aprender. *Nova Escola*. São Paulo: nº 190, p. 24-31, março, 2006.

FURIAN, Roberta Ortiz. *Classe especial: do encaminhamento à inclusão*. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. *Análise do relato de histórias em língua de sinais e escritas por pessoas surdas*. Tese de Doutorado não publicada. Porto Alegre: UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, 2002.

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. *Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial*. São Paulo: Plexus, 1997. 94 p.

PATTO, Maria Helena Souza, organizadora. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T.<sup>a</sup> Queiroz, 1981, reimpressão 1983.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola com/sem futuro*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

RÖSING, Tânia M.K. *Perfil do novo leitor: em construção, a importância dos centros de promoção de leitura de múltiplas linguagens*. Editora Edelbra. Passo Fundo: UPF, 2001

SILVA, Liliana Maria Pierezan Moraes da. *Articulando educação e tecnologias: uma experiência coletiva*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.